

A dimensão do corpo na obra de Ana Mendieta

Bianca Coutinho Dias

Estamos no território do feminino. Na contradição que se inaugura aí encontramos Ana Mendieta, artista que faz do uso de seu corpo na arte uma invenção singular que reinaugura a ideia de “corpo de mulher”.

Neste texto, pretendo levantar algumas reflexões sobre a figuração da mulher e aspectos do feminino na obra de Ana Mendieta pela via da política do desejo, em que ela inscreve no mundo sua pergunta particular sobre o feminino. Do corpo como objeto de regulações e campo em disputa, ela sustenta um destino que não é mais anatômico. E é aí que se encontra o ponto de ancoragem e de deriva da obra da artista.

No Seminário 20 (“Mais, ainda”), Lacan refere-se à mulher como o sujeito que traz a alteridade radical. Isto quer dizer que a mulher não pode ser reduzida ou encerrada em uma referência ao masculino, e nem ao falo. Algo escapa, criando outro continente desconhecido, do qual não podemos nos aproximar pelo referencial fálico.

A partir da referência lacaniana, minha hipótese é que a figuração do feminino não é o mesmo que a figuração da mulher.

“Vênus Negra” de Ana Mendieta, uma Vênus contemporânea, teria algo de novo a dizer a respeito da figuração do feminino? Nesta obra, o que aparece é um corpo agitado pelo real a escrever pelas bordas sua possibilidade de subjetivação, algo apresentado não só nos trabalhos da série “Silhuetas” - a que pertence “Vênus Negra” - mas também em performances em que se reviram as figuras masculina e feminina, como em “Facial Hair Transplant” de 1972, onde a artista trabalha a ideia de gênero como algo culturalmente construído, e também onde a identidade é entendida como performatividade. Nesta última obra, Mendieta retira a barba e o bigode de um amigo e reaplica os pelos em seu próprio rosto e, com o cabelo totalmente amarrado atrás da cabeça, se apresenta com uma aparência masculina ou híbrida.



Do sexo normalizado a partir de uma série de discursos que buscam adestrá-lo pelos dispositivos de saber/poder, passamos à psicanálise e à arte, como o território a partir do qual o corpo feminino será sabido e agido pela via do desejo, com todas suas consequências. Não se trata de um organismo, mas de um corpo pulsional.

Em “Vênus Negra” encontramos uma imagem fotográfica que compõe a série “Silhueta”, associada a um texto sobre a lenda cubana da Vênus Negra. Na fotografia, uma silhueta escura parece brotar da terra, chamuscada pelo efeito do fogo - depois de escavar a silhueta na terra. Ao lado da imagem, temos a história da Vênus Negra: a invenção a partir da relação de Mendieta com o enigma de seu próprio corpo é uma maneira de abordar significados contraditórios e deslizamentos relacionados ao feminino.

A “Vênus Negra” tem seus contornos imprecisos - desmanchados pelo mar, ou pelas águas de um rio, ou ainda pelo fogo. A silhueta feminina é trabalhada de diversas maneiras. Na obra, a imagem do corpo se faz pelo vazio, pela imagem que brota da terra após sua escavação e também pelas cinzas. A figura surge do borrado, do vazio.

Mendieta é uma artista que coloca em questão a lógica fálica através do próprio contorno de seu corpo de mulher, constantemente feito, desfeito e refeito. Em seus trabalhos, fazendo-se muitas de si, sustentando um feminino que é, ao mesmo tempo, aparição e desaparecimento, há a recolocação em cena de tudo aquilo do corporal que fora negado para que o mesmo se tornasse encaixável.

Outra questão que sua obra evoca é a da impossibilidade de se tocar a origem: a imagem da Vênus escavada aponta numa outra direção. Ela surge de uma tentativa de reencontrar a origem perdida, mas essa origem é impossível: não se pode mais reencontrar a Cuba de sua infância.

O nó do trabalho de Mendieta encontra-se na pergunta: o que é um corpo de mulher? Na multiplicação das silhuetas, fazendo-se muitas de si, desterritorializando-se, ela pode se fazer a partir de um novo lugar. Trata-se de uma forma de circunscrever um corpo para si, de reencontrar um lugar perdido e impossível de ser atingido, uma maneira de redesenhar o feminino.

Este é também um impasse frente ao qual a psicanálise não ficará imune. É Lacan quem se perguntará se a mediação fálica dará conta de todo o campo pulsional em

uma mulher. Ele se indagará acerca de um gozo feminino, considerando que existe, para a mulher, uma divisão entre ser “toda fálica” e “não-toda fálica”.

A lógica da castração não rege todo o campo do gozo, resta uma parte que é fora do simbólico. A mulher, que não existe para Lacan, nada mais é do que um dos nomes desse gozo. Ainda em relação à imagem da Vênus Negra de Mendieta, não se trata propriamente de uma representação do corpo feminino, pois não há mimeses: trata-se de uma imagem borrada, esburacada. A artista nos apresenta uma Vênus não-fálica e a faz brotar da terra, dos borrões e dos vazios.

Na série inteira das “Silhuetas”, realizada entre 1973 a 1980, ela inscreve-se na terra ou marca uma silhueta difusa em fogo no ar. As inscrições e as marcas que realiza com seu corpo lembram desenhos e registros de culturas ancestrais latino-americanas a qual ela pertence. A artista atua marcando sua silhueta em diversos tipos de solos: lama, areia, terra batida, chão gramado, vegetação rasteira, solo rochoso e até mesmo água.

Do seu corpo de mulher, ela faz surgir um feminino que se faz presente pelos rastros e resíduos: vestígios efêmeros da silhueta de um corpo de mulher na paisagem.

Sua morte trágica em 1985 é um enigma, como o que ela sustentou em vida: ao cair do edifício em que morava, ela deixou sua última silhueta impressa na frente do prédio, evocando a primeira obra da série de silhuetas, feita no México, onde se deitou numa tumba asteca e se cobriu de flores e ervas daninhas, como se estivesse coberta pelo tempo e, ao mesmo tempo, por ele preservada.

Nota:

Para saber mais sobre a artista: *Ana Mendieta*, livro de Guy Brett, editora Hatje-Cantz, 2004